



Xadrez com a morte

Isto a que falta um nome, de Cláudio Neves

Eduardo Rosal*

Isto a que falta um nome (2012), de Cláudio Neves, configura uma poesia de percepção dos silêncios da condição humana. Poesia que insurge do metafísico e do cotidiano, para enveredar pelo banal que resguarda a multiplicidade da existência. O leitor se depara tanto com “um cão latindo indiferente ao mundo” quanto com o peso da solidão que se abate sobre o homem que escuta esse latido.

No livro, o tempo é uma tatuagem do efêmero; é paradoxo. Presente, passado e futuro estão imbricados. “O agora é agora, como sempre”, isto é, “O agora é sempre”. O mundo é presente, mas tudo está ausente. Assim começam as constatações. Afinal, o livro se abre com as “Notas para o livro das constatações”. São doze notas (doze poemas) que antecipam ao leitor a concepção da poesia como um instante iluminador, uma espécie de imagem fulgurante benjaminiana.

A poesia de Cláudio Neves é um constante acontecer. Basta ver a recorrência da palavra “súbita”. Acontecer poético guardado para sempre nos poemas, graças à sutileza da labuta, à lucidez da emoção. O poeta chega, com *Isto a que falta um nome*, ao seu terceiro registro em livro. Até então havia publicado *De sombras e vilas* (7Letras, 2008) e *Os acasos persistentes* (7Letras, 2009). Nestes, nota-se (através de

* Doutorando em Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

orelhas, contracapas e prefácios) que, embora pequena, sua fortuna crítica reúne leitores de excelência e exigência, como Antonio Carlos Secchin, Marco Lucchesi, Paulo Henriques Britto, Antônio Carlos Villaça, André Seffrin e Ivan Junqueira.

Cláudio Neves não se dispõe a criar o mundo. O que faz é ficar “à espera de o mundo ser criado”. Será? Mais uma vez, como se salientava nos dois livros anteriores, a poética da morte perpassa direta e indiretamente os poemas de *Isto a que falta um nome*. Essa escolha temática já destaca o lugar de Cláudio Neves no cenário poético: ele embarca em uma poesia que dispensa demonstrações explícitas de erudição e reconhece a sutileza dos temas mais corriqueiros e antigos da literatura – a morte, o tempo, o amor etc. Faz disso, com uma escritura que concilia inteligência e sensibilidade, uma obra que é só dele. Caminha sozinho; fisga o complexo do banal. Mas faz isso a seu modo.

Seu mérito, ao tratar da morte, se consuma na fuga da repetição. As palavras são recorrentes, mas não repetitivas, porque a cada vez ganham outra perspectiva. A morte está sempre em processo de resignificação. Ele não enxerga a morte sempre de um mesmo lugar, mas se deixa ser alcançado pelas múltiplas faces dela. A morte nunca é a mesma. Sua obsessão por ela se dá pela via do deslocamento de perspectivas, dos “múltiplos planos de um só disfarce”. Afinal, “O sorriso do morto é sempre outro”.

Em *Isto a que falta um nome*, o mundo é mediado por espelhos, quadros, fotografias, isto é, por objetos em que as imagens do eu e do outro se projetam e se embaçam. “Este desejo de ser outro sendo o mesmo”. Isto, o amor: intervalo, hiato, entre.

Decerto isso a que amor chamamos
será o intervalo de outras coisas,

um nome novo para o mesmo nada
que tanto nos habita e tanto cala.

Amor, o amor, se existe, é tão somente
a falta súbita de outra palavra,
esse frescor de um mundo inominado,
dele o terror que nos ficou gravado.

“Amor”: ora substantivo, ora vocativo. Existe, mas falta. Eis um paradoxo que transpassa o livro. Isso que resiste, mas não pode ser nomeado. Esse “frescor” e, ao mesmo tempo, “terror”.

Há uma profusão de negativas ecoando: “os nãoos que ouvi”. Isso já se percebe em *Os acasos persistentes*. Mesmo presente, tudo está ausente. “A palavra só diz outras palavras, / jamais a coisa que sopra ou escava”. Faltam os nomes porque, sozinhos, eles nada dizem. “Que uma palavra é só uma coisa em que outra some, / sem chama, sem calor, sem colisão”. Na aproximação entre as palavras habita a distância entre elas. E na distância (garantida pela “colisão”) está a poesia, a catábase de Cláudio Neves.

O poema “Entreato” diz bem, já em seu título, da condição poética de Cláudio Neves. Escrever poesia é o ato de estabelecer aproximações e combinações (impossíveis) entre as palavras, de modo a garantir que justamente nesse *entre*, de uma e outra, se intensifique a própria distância que elas mantêm entre si. A um só tempo unidas e separadas, as palavras deixam de ser meros nomes e criam um instante poético, a que falta um nome e que não pode existir senão através daquelas palavras que se dão as mãos, numa ciranda ritmada pelo poeta. Isso é *ser*: o que mais é, sendo *entre*:

Porém mais é
o que apenas existente

quando entre duas coisas
(dois corpos, dois sentidos,
duas cores):

uma folha entre tantas,
um pássaro entre outros,
o que dizemos espaço,
o que entre um e outro pássaro
também voa.

Mas não se enganem: há “coisas sem o peso de um só nome”. São essas coisas que Cláudio Neves persegue. Por isso o desejo de fuga a que o livro se abre. Fuga de tudo aquilo que é nomeado, que já chega pronto. O poeta convida o leitor a escutar a pulsação poética que há dentro de casa, dentro da solidão de se perceber existente e silencioso.

Poesia do instante, tensionada entre memória e vontade, mas que não é nunca uma ou outra, porque se perfaz como um intervalo inaudito entre fato e invenção.

Memória e futuro estão entrelaçados, como em um moto-contínuo, assim como as “coisas” e as ausências dos nomes das “coisas”. Basta que o leitor atente à recorrência do “ainda”, para perceber que nessa falta constante (o não existir) tudo permanece.

Mera e moral aquela tarde e tudo nela,
como eu agora e eu de quando eu era
tão imortal quanto a lembrança dela.

Outras recorrências são perceptíveis: o espelho em que coabitam mortos e vivos, o que é e o que não é, o que une os tempos num súbito olhar, num susto, num despertar de pequenas mortes; o espaço e a casa, que problematizam o jogo paradoxal

entre dentro e fora – moto-contínuo de ritmo e tempo místico; a “noite” e a “tarde”; o “muro”.

Poucos livros de poesia apresentam poemas tão bem costurados como em *Isto a que falta um nome*. Essa tessitura destaca bem a consciência artística de Cláudio Neves. Para exemplificar: a última estrofe citada traça o paradoxo de uma lembrança imortal. Não à toa o primeiro verso do poema seguinte (“11”) é: “Não é que havia e agora não há mais”. O tempo cronológico não existe: passado, presente e futuro estão imbricados.

A mesma estrofe supracitada também nos remete ao poema “6”, em que se lê: “Mero e moral...”. É evidente que o leitor precisa suspeitar, ainda mais quando, ao ler o poema “11”, se depara outra vez com a palavra “mera”. Isso porque meras são as palavras, sempre incapazes de guardar a coisa nomeada.

A quantidade de pronomes indefinidos desperta a percepção de uma poesia do banal, dos objetos com os quais qualquer pessoa depara diariamente. São pequenas coisas, pequenos instantes que, para Cláudio Neves, configuram uma possibilidade de vencer o “naufrágio da existência”.

Em muitos casos, o poeta consegue fazer até mesmo da adjetivação uma aliada do mundo substantivo da poesia, porque não a emprega gratuitamente, isto é, acaba encontrando o adjetivo que consegue dizer mais quando, por acaso, falta um nome.

A força imagética da poesia de Cláudio Neves é uma evidência desde *De sombras e vilas*, livro em que, aliás, através do poema “O grito”, sobre o quadro de Munch, já se pode perceber um diálogo com a pintura, ou com as artes de modo geral, que parece se firmar em *Isto a que falta um nome*, que traz diálogos, por exemplo, com Escher e Carlos Araújo.

Talvez o maior paradoxo de *Isto a que falta um nome* é que, de tão íntima da morte, a poesia incita à vida. (Não seria também o contrário?) Neste livro, habitam aqueles que estão vivos na morte, como o Brás Cubas de Machado de Assis, bem como aqueles que estão mortos em vida, como os personagens de Autran Dourado.

Após as experiências das muitas vanguardas, parece haver hoje uma ressonância ainda forte de uma ausência do sensível do movimento concretista. Engrandece a literatura brasileira haver um poeta como Cláudio Neves, que, enquanto joga xadrez com a morte, não esquece o afeto. Algo muito digno está acontecendo, ainda que me falte um nome para dizer o que é.